

## RESUMO PARA JORNADA INTERNA / 2014

Patrícia Fraia A. Tsukamoto

### A PESSOA REAL DO ANALISTA NA SITUAÇÃO CLÍNICA

Um homem não pode fazer observações gerais em qualquer medida, sobre qualquer objeto, sem trair a si mesmo, sem introduzir sua inteira individualidade, e apresentar, como uma alegoria, o tema e os problemas fundamentais de sua existência.

THOMAS MANN - The Magic Mountain.

Este trabalho teve sua origem em minha experiência de atendimento na clínica do Instituto Sedes Sapientiae e os questionamentos teóricos clínicos que transformaram a minha maneira de estar na e pensar a clínica.

Tanto o analista quanto o paciente chega à situação de análise com uma bagagem histórica, social, cultural e história psíquica própria. Ambas são resultado da interação dos fatos de suas trajetórias em seu meio. Esta interação inclui, portanto, a constituição da realidade subjetiva de cada um. O encontro analítico irá envolver uma relação intersubjetiva com uma comunicação que se dá por meio de uma linguagem própria a este par e determinada por esta situação.

O que foi se impondo durante os meus atendimentos na clínica foi um aprofundamento da reflexão sobre os outros fenômenos que diziam respeito ao fato de eu estar ali, me oferecendo como possibilidade de novas experiências relacionais, mas algo que ia além da transferência e contratransferência.

Neste trabalho, buscarei evidenciar a pessoa real do analista como elemento nuclear da atitude terapêutica – o analista, não fruto das projeções do paciente, mas como pessoa real, que faz um uso mais eficiente de si mesmo e não só da técnica e da teoria.

O espaço terapêutico é a relação e a atitude terapêutica surgirá da presença do analista enquanto pessoa real, no exercício da função. Na experiência que descreverei aqui, a questão central não diz respeito ao que falo, mas sim, como sou na sessão.

O analista se apresenta sujeito, como diz Christopher Bollas (1989, p. 69): “[...] sem necessariamente falar de si ou de fatos da sua vida. Ser sujeito diz respeito ao trabalho psíquico do analista na presença e na narrativa do paciente”. Antes disso, esclarece (p. 87):

Essa evolução do elemento auto analítico [...] é uma disciplina alcançada somente por meio de um trabalho rigoroso. Essa compatibilidade de idioma (pessoa e narrativa) legitima o valor do elemento auto analítico e o diferencia de uma sedução.

Penso a sessão de análise como um momento de criação da dupla paciente-analista, onde a personalidade do primeiro se faz presente. Com esta atitude terapêutica o analista é incluído no acontecimento entre ele e seu paciente, criando um espaço único de sustentação para a experiência de suas respectivas personalidades. Isto irá propiciar ao paciente tornar conscientes conflitos inconscientes e vivenciar novas experiências, que serão promovidas por esse encontro analítico. Assim, ele poderá fortalecer o sentido de si mesmo e enriquecer a sua vida psíquica.

Corpo e alma presentes e disponíveis para uso, portanto, uma condição que não diz respeito apenas à mobilidade psíquica do analista, mas à sua concretude. Estes elementos, acredito, estão na base da sustentação emocional da experiência analítica, que permitirá ao paciente ir se reconhecendo e se apropriando do idioma de seu *self* verdadeiro, que passará a ser o seu idioma.

Bollas diz (1989, p.21):

Se devemos estabelecer uma teoria para o *self* verdadeiro, acho que é importante enfatizar como esse *self* essencial é a presença singular do ser que cada um de nós é; o idioma da nossa personalidade [...] Sendo um conjunto de disposições geneticamente predispostas, o *self* verdadeiro existe antes do relacionar com o objeto. No entanto, é somente um potencial, porque depende dos cuidados maternos para sua evolução. Como suas expressões gestuais e reivindicações intersubjetivas nunca estão livres da interpretação do outro, sua evolução depende das facilitações da mãe e do pai. Todavia, nenhum ser humano é somente o *self* verdadeiro. Cada disposição herdada defronta-se com o mundo real e a vida psíquica é uma das consequências dessa dialética entre o idioma da personalidade e a cultura humana.

Winnicott (1960, p. 46) ao definir *self verdadeiro*, refere-se a um “potencial herdado que está experimentando a continuidade da existência, e adquirindo à sua maneira e em seu passo uma realidade psíquica pessoal e o esquema corporal pessoal”.

Ao repensar este *setting* analítico clássico, busquei um tipo de olhar que incluísse as relações com o meio ambiente como fator constitutivo de *self*, tornando o primeiro: “um instrumento importante para que o paciente possa encontrar as funções que possibilitarão o evoluir de sua personalidade, do seu eu” (Safra, 1995, p. 30).

## CASO CLÍNICO

### **Primeira entrevista com os pais de R.:**

Telefonei para a mãe de R. e me apresentei. Ela se mostra bastante animada com o contato. Convidou-a, bem como o seu marido, para um primeiro encontro, explicando que gostaria de ouvi-los antes de conhecer R.

Eliane, a mãe, tem 32 anos, *piercing* no nariz, decote ousado, sorriso discreto e bastante reservado. Roberto, o pai, tem 43 anos, cabelos escuros com mechas claras (estilo “surfista”), bastante sorridente e jovial. Aparenta ter a mesma idade de sua esposa.

Contam-me que R. tem 10 anos, feitos no dia 9 de abril. Teve problemas físicos desde o nascimento. Nasceu com a moleira fechada, um dos rins com mau funcionamento, microcefalia, encurtamento dos dedos das mãos e dificuldade respiratória. Ficou muito tempo internado, sempre sendo tratado por especialista de diferentes áreas.

“O HC é um hospital escola. Meu filho sempre foi investigado por vários médicos ao mesmo tempo, como órgãos separados”, comenta Roberto.

Teve alta do Hospital São Paulo no fim de 2010. No decorrer da entrevista, verifico que ainda segue em acompanhamento semestral.

Atualmente ele está na quarta série. É um aluno esforçado, mas tem dificuldades para ler e escrever (passou de ano pelo sistema de aprovação automática). Sabe o alfabeto, mas quando esquece uma letra tem de recomeçar desde a primeira. Gosta de copiar as lições da lousa e têm vontade de aprender.

Quando explico algo referente ao tratamento, Roberto repete como se precisasse se assegurar de algo e pergunta se seremos somente eu e R. Digo que sim. Ele diz achar melhor uma terapia em grupo, com outras crianças. Explica que R. adora jogar futebol, mas onde eles moram não tem espaço físico. Ele acha importante R. brincar com outras crianças.

O pai sorri o tempo todo, parece um menino. A mãe me conta que é ela quem cuida de tudo, que trabalha, inclusive nos finais de semana, e que quando volta para casa, cansada, os meninos não arrumaram nada. Ela fica nervosa, dá chineladas neles e diz que o pai, muitas vezes, arruma a bagunça das crianças para ela não brigar. Ela me diz:

“O Roberto está sempre com este sorriso. Não sei qual dos três é mais criança. Quando ele briga os meninos não o respeitam.”

Pergunto se moram sozinhos e Roberto toma para si a palavra, diante do silêncio da esposa. Conta que é um terreno com três casas, onde moram só os quatro em uma casa, um inquilino de seu pai em outra e na terceira casa moram seus pais, com uma de suas irmãs, que está desempregada, e a filha dela, que é da idade de R. Pergunto se as crianças brincam juntas e ele responde que pouco.

Roberto comenta que vou me surpreender com a cara de bebê de R., que não aparenta ter 10 anos. “É baixinho e gordinho, feito um bebê”, diz.

### **Nossos primeiros encontros: TEMPO DE HESITAÇÃO:**

Em nosso primeiro encontro, apresento a caixa com cadeado, lhe dou uma chave, combino que ficarei com outra e que ninguém mais a terá. Ele, timidamente, segura a chave e olha o que tem dentro da caixa.

Muito lentamente, tira as coisas e, ocupando um espaço pequeno da mesa, cria um cenário. A caixa de guache encaixa na caixa dos lápis de cores que encaixa no apagador. Tudo milimetricamente disposto. A família é posta de pé e depois sentada no apagador. Tudo é exposto vagarosamente e com a sensação de que nada pode se mover.

Continuamos em silêncio, sem trocar olhares ou palavras. Durante alguns meses nos encontramos semanalmente e o silêncio perdurou. Ele sempre me olhava de soslaio e eu, com pequenos gestos em sua direção, era sempre dispensada.

Um dia ele monta uma casa de dois andares, toda cercada, e me conta que nesta casa moram um casal, dois filhos e os avós. A casa está protegida com cerca elétrica. Tem uma mãe

que cozinha e é muito brava, o pai é muito engraçado e o irmão muito chato. Tem primos que não gostam de brincar.

Durante semanas ele montou a mesma casa. Sempre que eu tentava uma aproximação, como entregadora de leite, ele dizia que já tinham leite, ou como uma vizinha querendo fazer uma visita, ele dizia que não “estavam abertos para receber visitas”.

Eu sentia que ele tinha muito receio em me aceitar como parceira em suas brincadeiras. Um dia, me afastei um pouco, ele me olhou assustado, e eu lhe expliquei que tinha ido pegar algo que tinha caído. Neste dia, quando ele se assustou com a minha pequena ausência, senti que algo ali estava acontecendo.

Aos poucos ele passou a não colocar mais a cerca na casa. Um dia, pede que eu seja a vizinha que veio visitá-los, mas explica que não posso demorar, pois eles estão muito cansados. Fiquei verdadeiramente emocionada. Fui aceita! A partir desse dia, passamos a brincar juntos.

## **II TEMPO DE ENCONTRO:**

Sem amigos R. me conta que é sempre o último a ser escolhido para participar dos times de futebol. Brincamos e nas brincadeiras ele é muito rígido, calado e desconfiado. Demorou um tempo até que a confiança entre nós se estabelecesse e ele pudesse se expor, falar, rir e até brigar porque errei ou não fiz o esperado.

### **Encontro com os pais de R. depois de algumas sessões:**

Oportunidade para contar um pouco das nossas vivências juntos e ressaltar a delicadeza desse trabalho, que trata da construção da subjetividade de R. Conto que levou um tempo para que houvesse um ambiente de confiabilidade e que tenho observado o quanto ele é retraído e fala tão baixo que, muitas vezes, não o ouço. Digo o quanto isso me preocupa e me deixa atenta. Os pais se identificam com o que digo e me contam as suas experiências em relação a isso.

Dizem que passam momentos difíceis com R., pois ele fica muitíssimo bravo quando eles não entendem o que ele fala. Contam que R. também é muito retraído na escola e que a professora achou que ele tinha algum retardo, pois ele não “tinha boca para nada”, não brigava, não reclamava, não ouviam a voz dele e quando tinha que falar algo, ninguém escutava.

Ao longo da conversa, vejo que ainda falam de R. como um bebê e aponto isso para eles. Digo que não o achei tão pequeno como disseram e que vejo nele um grande potencial. Proponho que juntos, apostemos nisso e que eles confiem mais no potencial do filho.

No decorrer dessa conversa, vou me dando conta de que R. não tem voz porque ninguém lhe dá voz. Ele não escolhe a própria roupa, ele não pode atender ao telefone, anda de mãos dadas com a mãe, etc. Autonomia zero.

Eliane conta que, pela primeira vez, o viram atender ao telefone. Ela insistiu, querendo saber quem estava do outro lado da linha. Pediu para falar e ele a mandou esperar. Por fim, com muita raiva diante da insistência da mãe, explicou que era engano, com voz firme e alta.

Eliane conta como a sua mãe é rígida, organizada, obsessiva com limpeza, com todos estarem limpos e com tudo combinando. Olho para ela e brinco que esta fala me é familiar. Ela começa a rir. Pergunto como foi a experiência de conviver com alguém tão rígido e autoritário e ela diz que foi “puro sofrimento”. Diante desta sua experiência pessoal, pergunto para ela se seria possível suportar ver os filhos com roupas descombinadas, mas felizes pelas próprias escolhas. Ela diz que não seria nada fácil, mas que tentaria. Conversamos sobre o efeito positivo que essa atitude poderá ter para a construção da subjetividade e individualidade de R.

Na sessão seguinte a esse encontro com os pais de R., ele chega sorrindo, de bermuda colorida, camiseta mais colorida ainda, boné, tênis e meias que em nada combinam. Digo que ele está bonito e ele me conta com orgulho que escolheu as próprias roupas.

Em seguida, mostra a lousa, apaga o que estava mal apagado, faz uma lua e pede que eu o acompanhe. Pergunto se é no mesmo desenho ou separado. Ele pede para ser no mesmo e vamos um complementando o desenho do outro. Ele me corrige quando saio da linha. Faço um coração e ele me pede para fazer outro encostado nesse primeiro. Depois ele pede um terceiro, que também está grudado no outro. Ele faz um sol, nuvens e está pronta a nossa paisagem.

Aviso que estamos quase no horário. Pergunto o que ele quer fazer em relação ao desenho e ele resolve não apagar. Proponho que assine. Ele pensa, assina com letra cursiva e complementa: não apagar. Em seguida, me dá o giz para assinar. Digo que faz muito tempo que não escrevo em cursiva. Ele diz que tudo bem e que posso assinar como quiser.

A lousa está quase toda ocupada. Sorrindo ele diz que a próxima criança pode desenhar no canto que sobrou. Pede para jogarmos um pouco de bola, que é o nosso ritual para finalizar as sessões.

Muitas vezes, quando algo o assusta, ele volta a se fechar. Conversamos sobre medos e monstros que o apavoram. Em alguns momentos seu corpo e sua voz se voltam para ele. Regrid para um mundo interior onde não há espaço para outro. Por um momento, associo esta cena com um bebê solitário em uma UTI.

### III TEMPO DE MUDANÇAS:

R. fará 12 anos em abril. Estamos trabalhando juntos há dois anos. No início, se mostrou um menino acanhado, reservado, desconfiado e que não falava. Na escola, desconfiavam de algum “retardo” ou um autismo leve.

Durante muito tempo não compartilhávamos nada nas sessões. Ele brincava e eu o observava, esperando um convite. Algumas vezes em que tentei chamá-lo para brincar, fui recusada. Sustentei esse lugar rodeado de silêncio e desconfianças. Estava lá para ele. Sonhava com ele e muitas vezes por ele.

Ele sempre foi visto como órgãos separados, desintegrado, segundo o pai. Minha busca era por uma integração.

Sua mãe sempre o trazia para os atendimentos. Nunca faltavam e eram pontuais. Tivemos várias conversas, eu e ela, pois o pai estava trabalhando e não podia vir. Nós duas éramos parceiras e tínhamos um objetivo: a subjetivação de R.

### Conclusão

A função do analista é a de ocupar o lugar da falha ambiental, dando sustentação ao momento regressivo do paciente. Penso que a experiência que vivi com R. fala desta construção. Ao pensar em conceitos como amor primário, falso *self*, ambiente e mãe suficientemente boa, considero a possibilidade de que, a partir dos pontos onde houve a falha no ambiente, R. pôde retomar o desenvolvimento de seu verdadeiro *self*. Ele pôde regredir para poder tomar o sentido de continuidade da sua existência e assim intensificou o seu sentido de ser real.

Acredito que para que este processo aconteça o analista precisa acompanhar o movimento de regressão que se apresenta e se faz necessário, sem interferir. A adaptação suficientemente boa do analista permitirá que o falso *self* dê lugar ao verdadeiro *self*. A transferência, nesta etapa,

se organiza pela maneira como o analista permite que o passado do paciente seja o presente. Aqui, um *setting* que possa atender às necessidades é mais importante do que as interpretações.

Este trabalho amplia o conceito de transferência, pois quando há regressão o ego do paciente não está suficientemente estabelecido, o que torna mais difícil a referência à neurose de transferência. O que existe, neste momento, é uma dependência absoluta que exige uma adaptação suficientemente boa do analista para que o ego imaturo possa, com o tempo, vir a experimentar os impulsos do id.

Para Winnicott a relação com o analista é importante, porque é o lugar da emergência do acontecer humano. O analista é importante como pessoa real. Há uma transferência de função e, com isso, a minha atitude, a maneira como me comporto, o meu estilo de me apresentar na relação terapêutica são elementos importantes. Há uma comunicação silenciosa que ocorre todo o tempo no campo subjetivo.

Tentei ser para R. o ambiente facilitador. Ao interpretar, busquei valorizar a experiência que pudesse ajudá-lo a se reorganizar no modo de estar no mundo, de se ver, de ocupar o seu lugar e se relacionar com os outros. Winnicott denominou esta dinâmica de “lição de objeto”, ou seja, poder entrar na vida de R. de forma tal que possibilitasse a ele pôr em movimento novos gestos, os quais pudessem promover uma reorganização de *self*.

A organização de *self* do paciente determinará o estabelecimento de algumas características do uso do *setting*. R. vivia um sentido de si mesmo muito inconsistente, com isso, o *setting* teve uma função de *holding*, para que pudesse servir de referência e possibilidade para que ele encontrasse um sentido de continuidade de si, através deste *setting* estável. Busquei estabelecer um *setting* que pudesse lhe dar forma, espaço, tempo, ou seja, um lugar para que pudesse viver a experiência de continuidade.

### **Bibliografia:**

BOLLAS, C. (1989). Forças do Destino – Psicanálise e Idioma Humano. Trad. Rosa Maria Bergallo. Rio de Janeiro, Imago, 1992.